

GRÂNDOLA

Vamos conhecer



JULHO
EDIÇÃO 7
2021

ECOSSISTEMA DE MONTADO

Portugal é o país com a maior área de sobreiros do mundo (cerca de 34%). São sistemas agro-silvo-pastoris onde a espécie dominante é o Sobreiro e com ele podem coexistir outras espécies – azinheira, pinheiro manso e bravo, medronheiro e culturas em subcoberto. A biodiversidade dos montados é marcada pela impermeabilidade dos sobreiros e das azinheiras, que lhes dá resistência aos fogos; pelos matos (estevas, sargaços, giestas, tojos, zambujeiros); pastagens naturais e ervas aromáticas (orégão, tomilho, rosmaninho e alecrim) que sustentam abelhas, vacas, porcos alentejanos e cabras e ainda por diversas espécies de cogumelos. É também *habitat* de uma enorme variedade de aves, mamíferos, répteis e insetos, tais como águias e falcões, texugos, doninhas, raposas, lince ibérico e o “nosso” emblemático javali.

O montado é uma imagem de marca das paisagens do sul e a sua conservação e regeneração é de vital importância a nível local e nacional, por isso é proibido o seu abate e é incentivada a sua plantação e exploração.

QUERCUS SUBER

Também conhecido por sobreiro, chaparro, sôvero ou soveiro, é uma árvore de porte médio (até 25 m), de copa ampla e arredondada e tronco e com casca volumosa de tecido suberoso (cortiça). Pode viver, em média, cerca de 200 anos e distribui-se pela região mediterrânica ocidental (Península Ibérica, alguns locais do sul da Europa e norte de África).

Tem folhagem verde durante todo o ano, floração sub-contínua, de abril a julho, e frutificação (glande ou lande) anual. Os sobreiros têm folhas com poros que se fecham por reação ao tempo seco evitando as perdas de água por transpiração.

No sobreiro tudo é aproveitado: a lande (utilizada para a propagação da espécie, alimento de animais e fabrico de óleos culinários), as folhas (como fertilizante natural e forragem) e a madeira (resultante da poda, para lenha, carvão vegetal e ácidos naturais para produtos de beleza e produtos químicos). Dado o seu valor económico, ecológico e social, foi classificada como espécie protegida desde dezembro de 2011. Por resolução da Assembleia da República foi-lhe atribuído o estatuto simbólico de “Árvore Nacional de Portugal”.

O SOBREIRO NA HISTÓRIA LOCAL

Quando, em 1544, Grândola se tornou Concelho o sobreiro já dominava grande parte deste território. Contudo, até ao século XIX, dada a preponderância do cultivo de cereais e o valor residual da cortiça, a sua criação espontânea foi dificultada. Nesse período a importância do sobreiro restringiu-se, praticamente, à venda do fruto para alimentação de varas de porcos que se deslocavam para o nosso Concelho vindas de todo o Alentejo e, até, da Estremadura espanhola, o que também proporcionou receita municipal (sisas dos montados).

A partir de 1850 a cortiça passou a ter maior relevância económica e a sua extração aumentou, o que conduziu à instalação na vila de pequenas unidades de preparação e transformação de cortiça, em especial dedicadas ao fabrico de rolhas, em cuja atividade se destacaram algumas famílias operárias vindas da Catalunha.

No século XX assistiu-se, até ao decénio de 1960, ao crescimento do setor corticeiro local, seguindo-se uma fase de declínio.

A EXTRAÇÃO DA CORTIÇA (DESPELA)

A primeira tiragem de cortiça (virgem/boia) ocorre quando a árvore tem, em média, entre 25 e 30 anos. Decorridos nove anos extrai-se a secundeira e, passados mais nove, dá-se a primeira extração de cortiça amadia.

É um processo que requer conhecimento, habilidade e esforço físico. Feito no período estival por um “rancho de tiradores” com a ajuda de um machado corticeiro (lâmina arredondada nas duas extremidades e a ponta do cabo em cunha).

O processo exige cortes perfeitos para não ferir a árvore.

O trabalho começa ao raiar do dia. Cada par de homens segue para um sobreiro e começa então a:

Abrir - com o machado golpeia a cortiça verticalmente e torce um pouco o gume para separar a prancha de cortiça do entrecasco, depois **separa** a prancha da árvore com a cunha do cabo do machado e **traça** (delimita) o tamanho da prancha cortando a cortiça horizontalmente para a **extrair** - separa-la cuidadosamente do tronco para que saia inteira.

Para finalizar “**descalça-se**” a sapata do pé do sobreiro, limpa-se bem a base do tronco de todos os fragmentos da cortiça e procede-se à **marcação** pintando na árvore o último algarismo do ano da extração, que servirá de guia para a próxima tiragem, dali a nove anos.

UM RANCHO DE TIRADORES

É composto por um número variável de homens orientados por um manajeiro (mestre). A arte do descortiçamento é executada manualmente e a transmissão desse conhecimento é feita de forma oral, atravessando montados e gerações. Aos aprendizes da profissão chama-se “Novéis”.

No entanto, muita coisa mudou entre os anos 20 do século passado e a atualidade. O grupo já não pernoita nos campos (outrora frequente dada a distância e a duração da campanha, determinada pela localização e tamanho da herdade) dado que os meios de transporte permitem o regresso a casa e as lancheiras garantem a alimentação. Portanto desapareceram dos grupos de corticeiros a cozinheira - Coca (a quem competia confeccionar a comida de todos, em panelas individuais de barro, em lume de chão, improvisado mas com todas as condições de segurança. Na altura de preparar o acampamento temporário os homens delimitavam e limpavam o terreno onde iria funcionar a cozinha ou cocaria) e os jovens que asseguravam a distribuição de água pelos trabalhadores, a marcação dos sobreiros e a apanha de “Tacos” - pedaços partidos de cortiça.

Atingir a idade para começar a aprender o ofício e passar a novel era uma honra.